

**A GRAMÁTICA ANNOBONESA, DE NATÁLIO BARRENA: UMA GRAMÁTICA
MISSIONÁRIA DE UMA LÍNGUA CRIOULA**

**THE GRAMÁTICA ANNOBONESA BY NATÁLIO BARRENA: A MISSIONARY
GRAMMAR OF A CREOLE LANGUAGE**

Cássio Daniel Siqueira¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Ana Livia Agostinho²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O escopo desta pesquisa consiste na análise de descrições gramaticais do fa d’Ambô na obra *Gramatica Annobonesa* (1957), escrita pelo missionário católico Natalio Barrena, no período colonial. O fa d’Ambô é uma língua crioula falada majoritariamente em Ano Bom – ilha que compõe o território da República da Guiné Equatorial, no Golfo da Guiné. É uma das quatro línguas que constituem a família de línguas do Golfo da Guiné, junto às línguas santome, angolar (Ilha de São Tomé), e lung’Ie (Ilha do Príncipe). Buscaremos, à luz da historiografia linguística (SCHUCHARDT, 1979; GRANDA, 1986; BATISTA, 2005; ALTMAN, 2011; POST, 2013; FERNANDES, 2015):(i) situar a *Gramatica Annobonesa* (1957) entre obras de tradição gramatical missionária como uma das últimas publicações (e talvez a última) deste tipo, marcada pela transposição do protótipo gramatical renascentista, em conformidade à posição paradigmática do modelo greco-latino (cf. AGOSTINHO 2021); (ii) atentar para as peculiaridades da obra ante a gama de trabalhos produzidos por missionários considerando que não há um modelo greco-latino único (ALTMAN, 2011); e (iii) compreender de que forma os fenômenos linguísticos do fa d’Ambô são classificados, a fim de fornecer hipóteses acerca do olhar do autor sobre a língua, ou seja, a concepção de língua implícita nas descrições.

Palavras-chave: fa d’Ambô; línguas crioulas; linguística missionária; historiografia linguística; Golfo da Guiné.

Abstract: The scope of this research consists of analyzing grammatical descriptions of fa d’Ambô in the book *Gramatica Annobonesa* (1957) written by Catholic missionary Natalio Barrena during the colonial period. Fa d’Ambô is a creole language mainly spoken on the island of Ano Bom, which is part of the territory of the Republic of Equatorial Guinea in the Gulf of Guinea. It is one of the four languages that make up the Gulf of Guinea language family, along with Santome, Angolar (São Tomé Island), and Lung’Ie (Príncipe Island). In light of linguistic historiography (SCHUCHARDT, 1979; GRANDA, 1986; BATISTA, 2005; ALTMAN, 2011; POST, 2013; FERNANDES, 2015), we will: (i) position the *Gramatica Annobonesa*(1957) among missionary grammatical works as one of the last publications

¹ Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: sq.cassiodaniel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9257-6237>. Este artigo é resultado da pesquisa “Análise da obra Gramática Annobonesa, de Natálio Barrena”, desenvolvida pelo autor sob orientação da Prof. Dra. Ana Livia Agostinho no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC e PIBITI, CNPq e UFSC), ago. 2018 / ago. 2019, Processo #2017072510000551), ao qual expressamos nossos agradecimentos. Esta pesquisa faz parte do projeto “Fonologia das Línguas do Golfo da Guiné, coordenado pela Prof. Dra. Ana Livia Agostinho.

² Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Departamento de Língua e Literatura Vernácula e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: a.agostinho@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2395-4961>.

(and perhaps the last) of this kind, marked by the transposition of the Renaissance grammatical prototype, following the paradigmatic position of the Greco-Latin model (cf. AUTHOR, 2021); (ii) pay attention to the peculiarities of the work in relation to the range of works produced by missionaries, considering that there is no single Greco-Latin model (ALTMAN, 2011); and (iii) understand how linguistic phenomena of Fa d'Ambô are classified in order to provide hypotheses about the author's perspective on the language, in other words, the implicit conception of language in the descriptions.

Keywords: Fa d'Ambô; creole languages; missionary linguistics; linguistic historiography; Gulf of Guinea.

Submetido em 03 de julho de 2023.

Aprovado em 04 de setembro de 2023.

Introdução

No que concerne à história das ideias linguísticas, as primeiras descrições gramaticais de línguas nas Américas e em África foram realizadas no século XVI (FERNANDES, 2015, p. 45). Seus autores eram missionários a serviço da coroa, sobretudo portugueses e espanhóis, e à primeira vista, arrogavam-se do ofício de descrever línguas, com o objetivo de estabelecer um contato mínimo com os grupos etnolinguísticos distintos e lhes transmitir a fé católica – condição fundamental prescrita a Portugal pela Igreja Católica no século XV³.

Entre os autores que se dedicam a escrever a história da linguística, há aqueles que argumentam que o trabalho de descrição linguística empreendido por missionários, além-mares, dizia somente da disputa de interesses políticos e religiosos, e que teria assumido um caráter “utilitário” (ALTMAN, 2011), destituído de desejo ou curiosidade científica. Um exemplo disso é a crítica de Mattoso Câmara Jr., em sua *Introdução às línguas indígenas brasileiras* (1965). O autor defende que interessava menos aos autores a descrição das línguas indígenas, de fato, faladas, que o estabelecimento de uma língua franca – simplificada – para facilitar o contato com os povos nativos e, conseqüentemente, a transmissão do catecismo (MATTOSO CÂMARA JR., 1965). Entretanto, outras propostas de análise historiográfica consideram tais circunstâncias discutíveis, e defendem que não se deve reduzir as inúmeras experiências de linguagem de gramáticas de tradição missionária a um traço único, de modo que o seu exame ainda nos possa fornecer olhares outros sobre a linguística e suas matrizes históricas.

³ Silviano Santiago aborda, em sua análise da carta de Pero Vaz de Caminha (1500), os fatores de “dívida e posse”, que permeavam as relações entre a coroa portuguesa e a Igreja Católica durante as grandes navegações. A bula *Inter Caetera* de 1493, assinada pelo papa Calisto III, “doava” ao rei Dom Manuel I de Portugal as terras descobertas pelos navegadores. Desse modo, a apropriação de novos territórios por Portugal correspondia também ao alargamento dos domínios da Igreja Católica, uma vez que tal prescrição pressupunha a conversão dos habitantes das novas terras ao Catolicismo. Cf. SANTIAGO, Silviano. Destinos de uma carta. *In: Ora (direis) puxar conversa!* – 1a. edição. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006, p. 229 - 245.

Nesse sentido, Altman (2011) assinala que a historiografia linguística canônica teria relativizado a contribuição da tradição missionária até pelo menos metade do século XX. No século XVI, há registros de 212 trabalhos realizados por missionários no continente americano, número que cresce ainda mais se incluirmos descrições de línguas africanas e asiáticas (ALTMAN, 2011), atribuindo, assim, contribuição relevante aos estudos gramaticais por parte da tradição de linguística missionária. A autora assevera que

‘[...] as missões cristãs, principalmente as católicas, se tornaram bastante sofisticadas na tarefa de elaborar instrumentos pedagógicos para o estudo das línguas dos territórios a serem colonizados, sobretudo gramáticas, vocabulários, dicionários, catecismos. Em muitos casos, essa documentação é o único testemunho que temos da existência de centenas de línguas, muitas delas hoje extintas’. (ALTMAN, 2011, p. 209)

No tocante ao fa d’Ambô – língua crioula que permanece sendo plenamente falada pelos habitantes da Ilha de Ano Bom, no Golfo da Guiné – duas gramáticas foram escritas no final do século XIX, após a chegada de missionários espanhóis na Guiné Equatorial, na época colônia da Espanha (chamada de *Guinea Española*), a saber: *Elementos de La Gramatica Ambú o de Annobón*, escrita pelo Padre Isidro Vila, e publicada em 1891, em Madrid; e a *Gramatica Annobonesa*, de Padre Natalio Barrena Merino, publicada postumamente em 1957 também em Madrid. Ambos os autores supracitados eram congregados à ordem dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (em espanhol: *Congregación de los Misioneros Hijos Del Inmaculado Corazón de María*). Não obstante, não há trabalhos de historiografia linguística anteriores empenhados na análise dessas obras. Quando citadas, o são em trabalhos de linguística histórica e de linguística formal que têm como foco o estudo da própria língua. Neste ponto, a invisibilidade dessas obras por parte da historiografia linguística se atenua ao fato do fa d’Ambô ser pouquíssimo estudado. As gramáticas de Vila e de Barrena, bem como os trabalhos da Congregação Claretiana, não aparecem citados em obras dedicadas à historiografia da linguística missionária.

As gramáticas missionárias do fa d’Ambô são importantes documentos da história da linguística. O estudo dessas obras permite revisitarmos constantemente a história da disciplina, revisar a sua historiografia e, conseqüentemente, repensar as metodologias científicas e a concepção que delineamos sobre o objeto, seja a história da linguística ou a língua propriamente dita, ontem e hoje. Um estudo sincrônico implica sempre em diacronia. Hovdhaugen argumenta que não há razão para presumir que a estrutura e a importância das gramáticas missionárias foi sempre a mesma durante séculos (1996, p. 19).

Dos trabalhos precursores do estudo do fa d'Ambô, citamos Schuchardt (1888) e Post (1992, 1997), tendo essa última se dedicado a analisar aspectos linguísticos da referida língua. Entre os trabalhos mais recentes que se dedicaram ao estudo do fa d'Ambô – direta ou indiretamente – se destacam os de Segorbe (2010), que desenvolveu a primeira gramática descritiva do fa d'Ambô, e trabalhos de fonologia de Agostinho (2021), Agostinho e Araujo (2014), Agostinho e Araujo (2021), Agostinho, Araujo e Santos (2019), Agostinho e Hyman (2021), Araujo *et al.* (2013), Bandeira (2017), além do *corpus* de Hagemeyer *et al.* (2014).

Este trabalho se propõe a analisar traços da obra *Gramatica Annobonesa*, escrita pelo missionário católico Natálio Barrena na virada do século XIX para o XX, e publicada postumamente em 1957, a saber: a definição de gramática e fenômenos linguísticos como a ausência de sistema de casos e o paradigma verbal. À luz da historiografia linguística (AUROUX, 1992; ALTMAN, 2011; ZWARTJES, 2008, 2011, 2012; ROSA, 2013; ROCHA, 2015; TEODORO, ALMEIDA, 2016; SWIGGERS, 2012), pretendemos demonstrar que a obra supracitada situa-se entre obras de tradição gramatical missionária, marcada pela transposição do protótipo gramatical renascentista, em conformidade à posição paradigmática do modelo greco-latino e, tendo em vista que a tradição greco-latina não se trata de um único modelo (ALTMAN, 2011, p. 216), sugerir interpretações acerca do olhar do autor sobre a língua (qual é a concepção de língua implícita nas descrições linguísticas do autor) bem como os propósitos implicados na descrição da língua, uma vez que é objetivo da historiografia linguística elucidar as diferentes posturas e motivações dos autores missionários por trás das descrições linguísticas e da composição de gramáticas escritas (HOVDHAUGEN, 1996, p. 17).

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção (1) discutiremos acerca dos materiais e métodos empregados nesta pesquisa; em (2), discutiremos o surgimento do fa d'Ambô e a família de línguas crioulas do Golfo da Guiné; e em (3), apresentaremos a análise da *Gramatica Annobonesa*, seguida das considerações finais.

1. Materiais e métodos

Utilizamos, para a análise aqui empreendida, a segunda edição da *Gramatica Annobonesa*, publicada em 1957, em Madrid⁴. Não tivemos acesso à primeira edição. Madeira (2008) informa que a primeira edição é mencionada por Streit & Dindinger, no *Almanaque* (1923), sem mais detalhes (*apud* REINECKE *et al.* 1975, p. 94). Consideramos parâmetros

⁴ Sendo uma cópia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Letras. Ficha: BARRENA, RVDO. P. Natalio. Gramatica Annobonesa. 69-38.778. 496 B271g. Ver anexo A

internos e externos de análise⁵ (BATISTA, 2013), sendo que, em relação aos parâmetros externos, analisamos uma série de documentos missionários da Ordem Claretiana, à qual pertencia Barrena, em especial a Revista *La Guinea Española* (contemporânea da produção da *Gramática Annobonesa*) publicada entre 1903 e 1969. A importância da investigação desses documentos se faz a partir das considerações de Hovdhaugen, que argumenta que é na área da linguística missionária é necessário investigar e reunir todas as fontes disponíveis, tais como manuscritos, cartas, diários, entre outros (HOVDHAUGEN, 1996, p. 19).

Sem pretender esgotar o trabalho investigativo, a análise historiográfica recorta eventos históricos para que possa então interpretá-los (BATISTA, 2013). Tais eventos podem ser de natureza científica, religiosa ou mitológica, uma vez que o adjetivo “linguística” não se restringe à Ciência Linguística moderna, podendo abarcar os mais variados saberes acerca da linguagem desenvolvidos ao longo da história (BATISTA, 2013). O objeto da historiografia linguística não é a língua, mas sim a forma como a língua foi apreendida, estudada, e explicada pelas comunidades de saber (BATISTA, 2013).

O fazer-narrativo da história da linguística requer, na medida em que figuramos o conhecimento como uma “realidade histórica”, da ordem de uma “[...] temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber” (AUROUX, 1992, p. 11), a proposição de correspondências entre parâmetros internos e externos de análise (BATISTA, 2013, p. 74), e, portanto, intenta olhar para as circunstâncias de tempo e de lugar do narrado. As tradições linguísticas devem ser analisadas a partir do seu próprio recorte sócio-histórico e cultural, sem fixá-las dentro de uma linha de tempo progressiva, onde as ideias linguísticas de lugares, tempos e recursos diferentes se anulam, ou são pensadas como mais ou menos nobres de acordo com as posições que ocupam na linha cronológica. Estamos tratando do efeito de um recorte, “o historiógrafo recorta, seleciona e hierarquiza fatos da corrente histórica” (BATISTA, 2013, p. 47). Assim, buscamos trechos que evidenciassem a visão de língua e de gramática de Barrena, bem como exemplos linguísticos específicos do fa d’Ambô, a fim de observar a maneira como o autor descreve a língua.

1.1. Linguística missionária e gramática missionária

Primeiramente, é necessário apresentaras concepções de gramática na tradição greco-latina, e delimitar o que a literatura historiográfica conceitualiza como ‘linguística missionária’

⁵ Os parâmetros externos de análise dizem respeito ao contexto sócio-histórico, cultural, político e econômico no qual a obra foi construída, enquanto os parâmetros internos de análise tratam do conteúdo da obra, tais como as descrições gramaticais.

– *Missionary linguistics* – e como ‘gramática missionária’ – *Missionary Grammar* (HOVDHAUGEN, 1996).

Hovdhaugen define *gramática* como “uma coleção de informações sobre alguns componentes de uma língua, sistematizados para fins normativos e pedagógicos” (HOVDHAUGEN, 1996, p. 10, tradução nossa), e que privilegiam, geralmente, uma norma (variedade) linguística, contemplando os níveis fonológico, morfológico e/ou sintático. Hovdhaugen também menciona ‘gramáticas descritivo-científicas’, e as classifica como “geralmente inconsistentes”, pois, na visão do autor, toda gramática estabelece uma norma para a língua descrita, uma vez que elege um *corpus* baseado em uma determinada variedade linguística, e seleciona um banco de dados limitado (HOVDHAUGEN, 1996, p. 10).

A “Gramática normativa da língua portuguesa” (1944), de Francisco da Silveira Bueno⁶, apresenta a seguinte definição: “Gramática, é, pois, a ciência que codifica e sistematiza as regras do idioma, baseando-se na observação dos fatos da linguagem viva do país” (BUENO, 1944, p. 11). É interessante notar que, para Bueno, ainda que a gramática seja uma ciência conservadora, deve empenhar-se em estar a par das mudanças da língua, “organismo vivo e em perenes transformações” (1944, p. 11). Ainda assim, verifica-se, na mesma introdução geral da gramática de Bueno, a influência gramatical clássica latina. Citando Leite de Vasconcelos (das Lições de filologia portuguesa - 3), o autor define a *frase* como “a mais perfeita expressão de um idioma” (1944, p. 10). A ideia de que a frase apresenta uma totalidade semântica e é autônoma em relação ao texto foi herdada da interpretação latina do termo grego *autotelos* (WEEDWOOD, 2002, p. 34). Para os gramáticos gregos Apolônio Díscolo e Dionísio Trácio, a frase era uma “expressão autossustentada” (*autotelos logos*) em consequência de sua subordinação ao contexto de um texto, e não independente dele (BUENO, 1944, p. 34). De fato, a tradição latina ainda repercute em diversas gramáticas do último século, e alcança ainda as mais contemporâneas.

Na literatura da historiografia linguística, *Linguística missionária* é a nomenclatura usada para definir uma gama de trabalhos linguísticos empreendidos por missionários – especialmente cristãos e budistas – tal como alfabetização, tradução de textos religiosos, e estudos de semântica e etimologia (HOVDHAUGEN, 1996, p. 10). Gramática missionária seria menos abrangente, e denomina os trabalhos de descrições de línguas realizadas durante as missões cristãs no ocidente (HOVDHAUGEN, 1996, p. 15). Hovdhaugen lembra que essa

⁶ Professor catedrático de filologia portuguesa da Universidade de São Paulo. BUENO, Francisco da Silveira. Gramática normativa da língua portuguesa. Livraria Acadêmica, Saraiva & Cia. São Paulo, 1944.

nomenclatura não representa um conjunto homogêneo de trabalhos, contudo, diz ser possível estabelecer alguns parâmetros prototípicos de uma gramática missionária (1996, p. 15), a saber: as línguas descritas não são línguas nativas dos missionários, e a gramática se caracteriza por ser sincrônica e pedagógica, e abrange os níveis fonológico, morfológico e sintático baseado em dados coletados de um corpus oral, e em alguns casos de textos religiosos traduzidos.

1.2. Linguística missionária e línguas crioulas

Estudos sobre pidgins e línguas crioulas iniciaram no final do século XIX, sobretudo com os trabalhos de Hugo Schuchardt e Derk Christiaan Hesselning (MUYSKEN, MEIJER, 1977). Contudo, inicialmente, línguas crioulas tinham o *status* de línguas corruptas – em relação às línguas lexificadoras – línguas europeias que fornecem a maior parte do léxico no processo de formação de um pidgin ou crioulo. A ideia de *continuum*⁷, ainda presente entre os estudiosos da área, era ligada ao pensamento ideológico de que existiria um grau maior ou menor de corrupção na língua. Essa ideia de corrupção, por sua vez, estava ligada a questões raciais; uma generalização comum era a de que as populações negras, inferiores em comparação à Europa caucasiana, não seria suficientemente civilizada e desenvolvida intelectualmente para adquirir línguas complexas como as europeias (MUYSKEN; MEIJER, 1977).

O primeiro trabalho sobre uma língua crioula foi uma gramática e dicionário do malaio-português, publicado em 1780 por neerlandeses (HOLM, 2004). No tocante ao fa d'Ambô, duas gramáticas foram escritas no final do século XIX, após a chegada de missionários espanhóis na Guiné Equatorial, na época colônia da Espanha (chamada de *Guinea Española*).

A primeira, *Elementos de La Gramática Ambú o de Annobón*, foi escrita pelo Padre Isidro Vila e publicada em 1891, em Madrid. Já a *Gramática Annobonesa* foi escrita pelo Padre Natalio Barrena Merino e publicada em 1957, em Madrid. Ambos os autores supracitados eram congregados à ordem dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (em espanhol: *Congregación de los Misioneros Hijos Del Inmaculado Corazón de María*), de Madrid.

2. O fa d'Ambô

O fa d'Ambô é uma língua crioula falada majoritariamente em Ano Bom – ilha que compõe o território da República da Guiné Equatorial, no Golfo da Guiné. É uma das quatro

⁷ Atualmente, o termo *continuum* é usado para descrever níveis de crioulição que variam entre o que seria a língua crioula, formas intermediárias (*mesolectal varieties*) e a língua lexificadora, uma vez que, muitas vezes, línguas crioulas são faladas dentro das mesmas extensões geográficas que as línguas lexificadoras (MUYSKEN, SMITH, 1994).

línguas que constituem a família de línguas crioulas do Golfo da Guiné, junto às línguas santome (ou forro), angolar (Ilha de São Tomé) e lung’Ie (Ilha do Príncipe) (ARAUJO et al., 2013).

O processo de colonização do Golfo da Guiné iniciou no final do século XV, mais precisamente em São Tomé, onde se atribui também o desenvolvimento do protocrioulo do Golfo da Guiné, que, posteriormente, deu origem às quatro línguas que compõe o tronco linguístico do Golfo da Guiné: santome (ou forro), angolar, lung’Ie e fa d’Ambô (BANDEIRA, 2017).

Há divergências teóricas em relação ao processo de crioulização no Golfo da Guiné. Cosme (2014) defende que o santome seria a continuação do protocrioulo, e que o processo de especiação das outras três línguas teria ocorrido a partir do santome. Por sua vez, Bandeira (2017) defende, em seu trabalho de reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné, que as quatro línguas crioulas foram originadas diretamente do protocrioulo do Golfo da Guiné:

‘[...] apresentamos as 536 protoformas reconstruídas com base no levantamento de 2000 formas contemporâneas do santome, fa d’ambô, lung’ie e angolar e de suas fonologias [...] Com efeito, os itens reconstruídos comprovam que o protocrioulo do Golfo da Guiné é distinto do português e também não pode ser descrito como uma variedade da referida língua, posto que apresenta processos, estruturas fonológicas e características lexicais não encontradas em nenhuma variedade vernacular da língua portuguesa [...] Até o momento, os estudos que se encarregavam de analisar comparativamente as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné o faziam tomando o português, como o seu ancestral (cf. o dicionário de ROUGÉ, 2004; e os glossários de MAURER, 1995; 2009) [...] Do ponto de vista fonológico e lexical, os itens reconstruídos do PGG, em conjunto com a análise dos processos, tornaram evidentes que as quatro são línguas-filhas do protocrioulo’. (BANDEIRA, 2017, p. 419 – 420)

Essa protolíngua emergiu da necessidade de se estabelecer um código de comunicação entre escravizados falantes de línguas dos grupos Edóide e Bantu, a partir do contato com a língua portuguesa na Ilha de São Tomé (cf. BANDEIRA, 2017, p. 21). Hagemeyer (2009, p. 2 - 6) menciona dois momentos de ocupação da Ilha de São Tomé, até então inabitada: (i) 1493 – 1520, *fase de habitação*; (ii) 1520 – final do século XVI, *fase de plantação*. Em tese, o protocrioulo do Golfo da Guiné teria se consolidado como uma nova língua doravante ao surgimento de uma comunidade de escravizados alforriados no século XVI – “mulheres africanas e os filhos que nasciam dos casamentos e concubinatos com europeus” (HAAGEMEIJER, 2009, p. 4). Essa comunidade configuraria, então, novas posições

socioeconômicas na sociedade santomense, incluindo a língua como dispositivo de aproximação linguística entre os colonizadores e os novos escravizados já na fase de plantação⁸.

As fazendas (sistema de *plantation*) constituem um fator determinante para a diacronia linguística no Golfo da Guiné. A Ilha de São Tomé apresentava condições geográficas e climáticas muito favoráveis para o desenvolvimento da agricultura. O cultivo da cana-de-açúcar, através de mão-de-obra raptada e integralmente escravizada, predominou em larga escala, fazendo de São Tomé, “[...] a maior produtora de açúcar no mundo por cerca de seis anos na metade do século XVI” (GARFIELD, 2015, p. 53). Além disso, dada a sua localização, São Tomé funcionava como porto comercial de escravizados que estavam a caminho das Américas, sobretudo do Brasil (HEGEMEIJER, 1999, p. 76).

Entre julho e agosto de 1909, Barrena publicou, na mesma revista, uma série de artigos intitulados *La Isla de Annobón – Un paso para suconocimiento* (ver anexo B, C e D), onde o autor discorre, sobretudo, acerca da geografia da Ilha de Ano Bom, bem como sobre o número, a origem, a religião, e a língua de seus habitantes. No pequeno parágrafo dedicado ao fa d’Ambô, de 25 de agosto de 1909 – número 16, Barrena o descreve como uma língua “particular” da Ilha de Ano Bom, desconhecida fora dela e muito parecida com a língua de São Tomé (p. 131). O autor observa que:

‘La lengua de estas gentes parece derivada del idioma de Sto. Tomé; pues he tenido ocasión de oír hablar á los naturales de la referida Isla con los de Annobón, cada uno em su lengua, y se entendian bastante bien em casi todo á no ser em algunas palabras que eran diferentes. Lo cual no es nada de extrañar, supuesto que esta Isla de Annobón hubiera sido poblada con los habitantes de aquella.’

Outra menção sobre a similaridade entre as línguas crioulas do Golfo da Guiné data do século XVIII. Hagemeyer (2009, p. 5) cita que:

‘Matos (1842) foi o primeiro a identificar formalmente o parentesco entre três das quatro línguas crioulas, afirmando que o lung’le é “quasi o mesmo, que o de S. Thomé, ajuntando-lhe maior numero de termos africanos”, ao passo que “o dialecto da Ilha de Anno Bom é o mesmo que o de S. Thomé, mas com uma pronunçiação gutural semelhante à dos Arabes”⁹.

⁸ Muito embora só tenhamos dados históricos a respeito de uma nova língua em São Tomé a partir do século XVII. Cf. SANDOVAL, Alonso de. 1987 [1627]. De instauranda aethiopum salute. Un tratado sobre la esclavitud. Introdução e transcrição de Enriqueta Vila Vilar. Madrid: Alianza Editorial. *Apud* HAGEMEIJER, Tjerk. As Línguas de S. Tomé e Príncipe. Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola 1:1 (2009), 1-27 ISSN 1646-7000.

⁹ A “pronunçiação gutural” a que Matos se refere é a fricativa velar [x], que não ocorre nas línguas-irmãs do fa d’Ambô.

Por serem geneticamente relacionadas, as línguas fa d'Ambô, santome (ou forro) e angolár, faladas na Ilha de São Tomé, e o lung'Ie, falado na Ilha do Príncipe, apresentam semelhanças lexicais e gramaticais. Todavia, diferentemente do que descreveu Barrena, essas línguas não são inteligíveis entre si, não sendo suas particularidades apenas variações fonéticas.

As descrições de Barrena e de Matos nos fornecem pistas sobre a gramática do fa d'Ambô (e das demais línguas crioulas do Golfo da Guiné), ao que diz respeito às possibilidades de fluxo de desenvolvimento interno e independente do sistema linguístico de cada língua, em um momento posterior à gênese do protocrioulo do Golfo da Guiné e ao processo de especiação das quatro línguas-filhas.

3. Discussão: A *Gramatica Annobonesa* (1957)

A *Gramatica Annobonesa* foi escrita pelo missionário espanhol Padre Natalio Barrena Merino, (1867 – Santa Isabel de Fernando Póo, 13 de abril de 1925). A segunda edição foi publicada postumamente em 1957, em Madrid, pelo *Instituto de Estudios Africanos*, em associação ao *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)*¹⁰. Madeira (2008) informa que a primeira edição é mencionada por Streit & Dindinger no *Almanaque* (1923) (*apud* Reinecke *et al.* 1975, p. 94), sem mais detalhes. É possível estimar o período de produção das obras de Barrena, entre elas a *Gramatica Annobonesa*, entre 1892 e 1925, ano da chegada do missionário na Guiné Equatorial¹¹, e de seu falecimento¹², respectivamente. Barrena teria chegado na Guiné Equatorial em 19 de julho de 1892 (ver anexo E), mais especificamente na comunidade missionária de Banapá, em Santa Isabel de Fernando Póo, hoje, cidade de Malabo (capital da Guiné Equatorial, localizada na Ilha de Bioko, antes nomeada de Ilha de Fernando Póo). O missionário Antonio Jimenez cita, no prólogo da gramática, que Barrena passou “muitos anos” em Ano Bom e que e que aprendeu a falar “corretamente” o fa d'Ambô (BARRENA, 1957, p. 7).

¹⁰ Órgão público espanhol responsável pelo fomento de ciência e tecnologia, fundado em 1939. Informações disponíveis em www.csic.es.

¹¹ O site Fondo Claretiano disponibiliza um acervo de fotografias digitalizadas do período colonial da Guiné Equatorial. Uma das fotografias do acervo indica a presença de Natalio Barrena a partir da seguinte legenda: “La Comunidad misionera de Banapá y representantes de la comunidad de Santa Isabel celebrando los 30 años de estancia seguida em lãs misiones del P. NATALIO BARRENA, llegado el 19-7-1892. También estuvieron presentes los empleados de la finca "La Vigatana" y el Sr. Vizoso”. Disponível em <http://bioko.net/claret/displayimage.php?album=1&pos=12>.

¹² As datas de nascimento e falecimento do autor são informadas no seu (também póstumo) *Catecismo de la doctrina Cristiana del V. P. Antonio María Claret; traducido al fa d'ambô*. Editorial Del Corazón de María. Madrid: 1928.

Encontramos quatro exemplares da obra de Barrena (listados abaixo), da mesma edição (1957), localizados em bibliotecas de diferentes instituições e que podem ser consultados em catálogos disponíveis on-line.

1. África do Sul – University of South Africa. Localização: Pretoria Open Collection. Número de chamada: 469.79966996 BAR;
2. Estados Unidos da América – The University of North Carolina at Chapel Hill. Localização: Library Service Center. Número de chamada: 467.966996 B271g;
3. Estados Unidos da América – Columbia University. Localização: Butler Stacks. Número de chamada: PM7849.A5 B3;
4. Estados Unidos da América – Library of Congress. Número de chamada: PM7849.A5 B3 1957 LANDOVR / 4PL 236 FT MEADE.

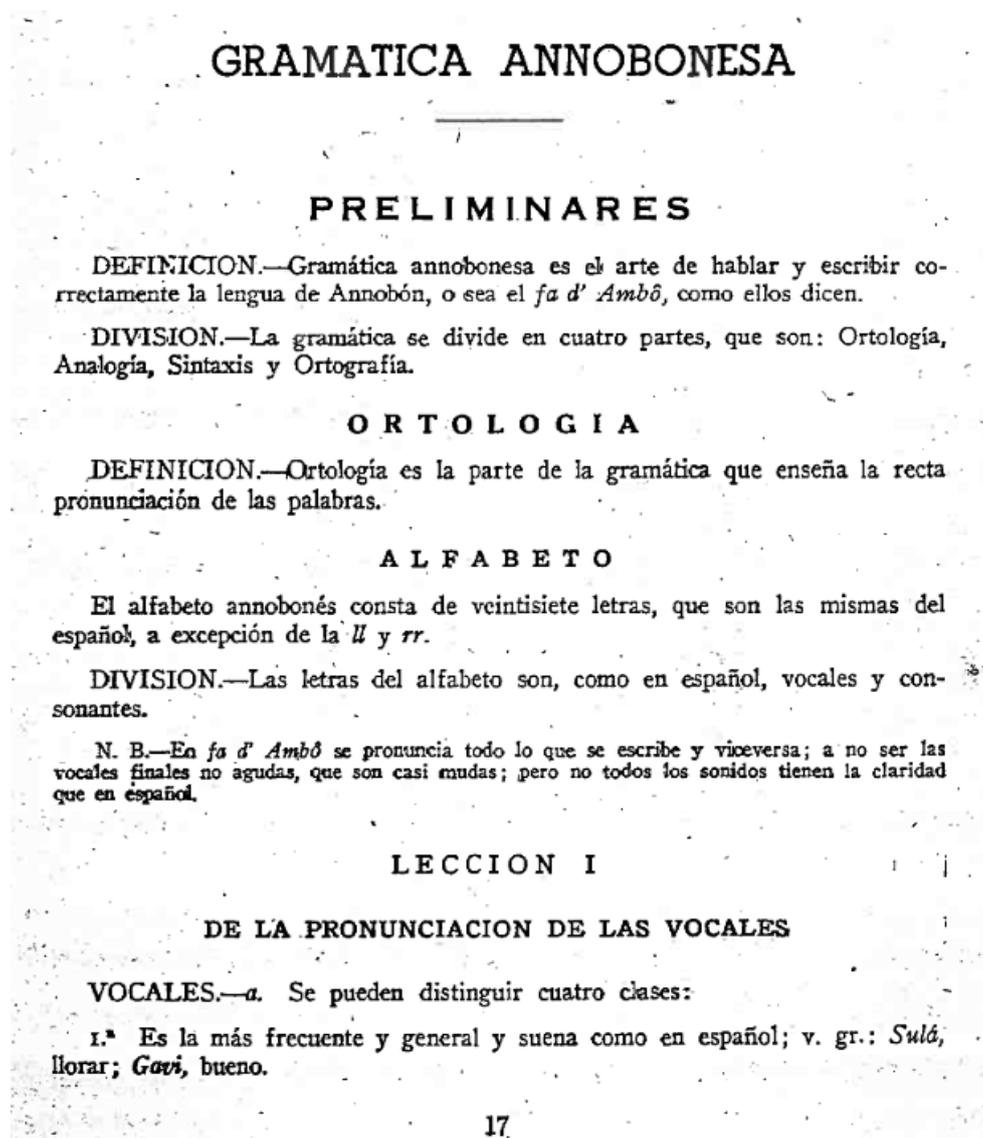
As seções da edição de 1957 estão dispostas da seguinte forma:

- i. *Prólogo*, escrito por Antonino Jimenez, seguido das *Breves notas da Ilha de Ano Bom e suas coisas*, de Epifanio Doce;
- ii. *Preliminares*: Apresenta a definição de ‘gramática’;
- iii. As descrições linguísticas estão divididas em 45 *lições*, e cada uma delas contém *exercícios para tradução*;
- iv. *Ortologia*: alfabeto, pronúncia das vogais e das consoantes, ditongos e consoantes duplas;
- v. *Analogia*: partes da oração, o artigo, regras para o uso de artigo indeterminado “a”, “ua” e “zugua”;
- vi. Apêndices; catecismos em fa d’Ambô para exercícios de tradução em espanhol.

3.1. A tradição gramatical e a definição de gramática

Barrena conceitualiza a gramática como “a arte de falar e escrever corretamente” (BARRENA, 1957, p. 17), conforme podemos observar na abertura da *Gramática*:

Figura 1: Definição de gramática



Fonte: Barrena (1957, p. 17)

Essa noção também está presente na obra de Vila (1891), na qual define gramática como “a arte de falar e escrever uma língua com propriedade e correção” (VILA, 1891, p. 05). As noções de “certo” e “errado” na língua são observáveis desde a antiga civilização védica, ao que diz respeito às relações entre estudos gramaticais e religiosidade. O sânscrito clássico, sistematizado gramaticalmente por Pânini (circa 520 a.C – circa 460 a.C), foi fixado como “língua perfeita”¹³ – *samskrta*, “acabado”, “perfeito” – e opunha-se às *prakritas*, línguas indo-

¹³ O conceito de “língua perfeita” é, na verdade, equivocado, pois cada língua possui suas idiosincrasias, e os juízos de valor que lhe atribuímos são, na verdade, de caráter social.

arianas, faladas no subcontinente indiano. Stella (1960, p. 147) informa que a ideia de uma língua perfeita é primeiramente mencionada no Ramayana (do sânscrito: रामायणम् – *Rāmāyaṇa*) epopeia literário-religiosa atribuída a Valmik entre os séculos 500 e 100 a.C. A gramática, concebida como um sistema de regras, visava conservar a sacralidade das escrituras sânscritas e configurava a posição literária da língua. Aqui, uma língua universal e pura (sublime) orienta-se no sentido de prescrever o uso correto da língua (o sânscrito) em oposição às formas “incorretas”:

‘In India the followers of the Vedic tradition have always kept Sanskrit, the language of the Veda, in high regard. Sanskrit is the only correct language, other languages being incorrect. Patañjali's Vyākaraṇa-Mahābhāṣya (ca. 150 B.C.E.), in its first chapter called Paspāśāhnikā, distinguishes clearly between correct and incorrect words, pointing out that many incorrect words correspond to each correct word; besides correct *gauḥ* there are many incorrect synonyms: *gāvī*, *goṇī*, *gotā*, *gopotalikā*, etc. There are various [397] reasons for using correct words only, the most important being that this produces virtue (*dharma*) and benefit (*abhyudaya*). Correct words are in fact used in many texts and regions; Patañjali mentions the earth with its seven continents and the three worlds, which shows that for him Sanskrit is *the* language of the universe. Sanskrit is also eternal. The reasons adduced to prove this may seem primitive to us, but they leave no doubt as to Patañjali's convictions’. (BRONKHORST, 1993, p. 01)

No entanto, as definições de Vila (1891) e Barrena (1957) nos fazem regressar à formação das primeiras gramáticas das línguas vernáculas europeias a partir do século XIII. Nesse momento, a noção de diversidade linguística, na Europa, ligou-se a ideais de nacionalidade uma vez que, no contexto de formação do Estado-nação, prescrever a forma correta de se falar a “língua nacional” era expoente do desejo de elevá-la à qualidade de língua de prestígio, em correlação e oposição ao latim, que ocupava uma posição paradigmática enquanto língua “superior”, língua culta, (língua dos sábios, junto ao grego e o hebraico) (WEEDWOOD, 2003, p. 60). Destarte, as descrições desses vernáculos, subordinadas ao olhar do sujeito renascentista, estavam circunscritas a tratados técnicos de tradição greco-latina, “dominante do pensamento linguístico medieval” (WEEDWOOD, p. 60). Um exemplo disso pode ser ilustrado em Batista (2010, p. 348), sobre o processo de gramatização do português:

Fernão de Oliveira, em 1536, na sua *Grammatica da lingoagem portuguesa*, atuou como paladino da língua que iniciava seu processo de gramatização. Nas suas colocações, destacou-se a necessidade de firmar o português como superior, uma vez que seus falantes são superiores. Em busca da execução desse objetivo, até o latim, reconhecido como língua-mãe, teve seu papel relativizado, já que o uso da língua portuguesa deveria ser privilegiado, num contexto histórico e político que ampliava sobremaneira a urgência do reconhecimento de uma nação independente: “... *porque*

melhor é que ensinemos a Guiné que sejamos ensinados de Roma, ainda que ela agora tivera sua valia e preço” (Oliveira, 1975 [1536], p. 42).

Nada obstante Vila e Barrena utilizem o mesmo conceito de gramática utilizado no medievo europeu, o contexto histórico, social e político da Guiné Equatorial no início do século XX diverge absolutamente. A ideia de nacionalidade na colônia é homocêntrica à da Metrópole, uma vez que, como já deixa a ver o nome, o território denominado de *Guinea Española* trata-se de Espanha. Logo, não há objetivos de fazer do fa d’Ambô uma língua de prestígio, ou de reconhecê-la como língua nacional. Vários fragmentos de documentos distintos possibilitam tal interpretação. Epifanio Doce na seção *Breves notas de la Isla de Annobon y de sus cosas*, da *Gramatica Annobonesa* (1957, p. 13), diz que “a Ilha de Ano Bom é espanhola pelos quatro lados”, onde “não há annobones que não saiba o espanhol e os meninos demonstram muito interesse em aprendê-lo”¹⁴, resultado obtido através de cinquenta anos de trabalhos de escolarização empreendidos pela missão. Doce ainda informa de que no ano de 1933, um professor pago pelo governo lecionava espanhol para trezentos alunos e alunas.

Outra ilustração da questão linguística na colônia pode ser encontrada na edição inaugural da revista *La Guinea Española*, de 1903, fundada pelos missionários claretianos, logo após a chegada da prensa, trazida de Barcelona, destinada ao trabalho missionário¹⁵. Com periodicidade quinzenal, interessava à *La Guinea Española* trabalhar em favor da “glória de Deus”, do Catolicismo, e pela “prosperidade material e moral” da *madre España*, levando notícias da colônia e da empresa missionária à península, denominada de “Espanha verdadeira” (Ano I, edição inaugural de 01 de abril de 1903 – ver anexo F). E ainda, no mesmo fragmento:

Vamos, pues, *españoles*, blancos y de color, aunemos nuestras fuerza, juntemonos todos em compacto escuadrón, todos unidos trabajemos com ardor y a medida de nuestras fuerzas y haberes em pro de la RELIGION y de la PATRIA (grifo nosso).

3.2. Fenômenos linguísticos

Nesta seção, analisaremos as lições que discorrem sobre declinação, paradigma verbal e alguns aspectos fonético-fonológicos. A gramática de Barrena está inserida no que Auroux

¹⁴ No mesmo parágrafo, diz o autor que, no caso das meninas, houve resistência por parte dos mais velhos em deixá-las aprender espanhol, resultando que, após muitos anos de missão, encontram-se poucas mulheres falantes de espanhol. E ainda: “*Como no han de salir de la Isla no les interesa el calentar de sus cabezas, com lengua que no han de usar*”.

¹⁵ Segundo Echegaray (1999, p.10), a comunidade de Santa Isabel recebeu a primeira prensa em 1901, ano de fundação da revista *El Eco de Fernando Póo*, publicada somente até a sétima edição devido à quebra do equipamento de impressão. O *Fondo Claretiano* informa que a primeira prensa chegou em Fernando Póo em 1899, trazida pelo Governador D. José Rodriguez de Vera, para a impressão do folheto comemorativo da colocação da primeira pedra da catedral. Disponível em: www.bioko.net/guineaspanola/laguies.htm.

(1992, p. 35) chama de *gramatização massiva*, processo de gramatização a partir de uma mesma tradição linguística, o modelo greco-latino. Ainda que a maior parte do léxico do *fa d'Ambô* seja de origem portuguesa, trata-se de uma língua de tipologia gramatical diferente das línguas indo-europeias. Assim, o *fa d'Ambô* não se encaixa no modelo pré-definido.

As referências aos casos latinos presentes no texto, como na lição VII, que trata de declinação, são exemplos de influência gramatical greco-latina. Ainda que o *fa d'Ambô* não tenha declinação, como o próprio autor comenta ao escrever que “para conhecer os casos do nome em *fa d'Ambô*, há que olhar ao lugar que ocupa na frase”, o autor faz uso dessas nomenclaturas para se referir à sintaxe, o que é comum na maioria das gramáticas escritas até o início do século XX. Essa referência aos casos latinos marca a influência da tradição gramatical renascentista, que procurava transpor o modelo greco-latino, mesmo em gramáticas de línguas de tipologia diferente. É como se o autor usasse uma estrutura gramatical pronta, um paradigma, e o trabalho de descrição do *fa d'Ambô* fosse subordinado à essa estrutura. Dito de outro modo, Barrena parece encaixar os fenômenos linguísticos “inéditos” que observa em outra estrutura – de outra língua, como podemos observar na Lição XVII que trata da declinação:

Figura 2: Lição VII

LECCION VII

DECLINACION

DEFINICION.—Declinación es la serie ordenada de los casos.—Para conocer el caso del nombre en *fa d' Ambô*, hay que mirar el lugar que ocupa en la frase, por el poco uso que hacen de preposiciones, que lo indiquen.

El nominativo, acusativo y vocativo pocas dificultades ofrecen.

COLOCACION DE LOS CASOS.—El *nominativo* debe ocupar el primer lugar en la oración; el *genitivo* sigue inmediatamente al sujeto que lo rige; el *dativo* se coloca luego, después del verbo; sigue después el *acusativo*; y por fin viene el *ablativo*, por más que no tiene lugar tan fijo.

EJEMPLOS:

De nominativo y acusativo

Dios crió al hombre Naxiólo minji nápay.

Si se invierte el orden, se cambia el sentido; y así no puede decirse como en español; v. gr.: al hombre crió Dios, *Nápay minji Naxiólo*, pues significa: El hombre crió a Dios.—El acusativo nunca va regido de preposición en *fa d' Ambô*.

A pesar de ser esta lengua poco amiga del uso de preposiciones, no obstante, para los casos de posesión o pertenencia usa a veces de las preposiciones de genitivo *de d'*, *ji* (de); así como tiene la preposición de dativo *da* (para) y varias de ablativo; v. gr.: *cu*, *jo* (con); *sen*, *rin* (sin); *santu* (por, a causa de); *fo*, *pafo* (desde); *denchi* (enfrente, delante de).

De genitivo

La casa de Pedro	Jaji Pédulu.
El barco de hierro	Navi onfélu.
Reunión de gente	Zuntá zenchi o ji zer chi.

Names de los annobonenses	Yami ji nangué d'Ambô.
La casa del rey	Jaji alé o d'alé.
La gallina de la mujer	Gañia námay o ji námay.
La casa de piedra	Jaji búdu.
La escopeta del cazador	Pingada jasadólo.
Puede decirse también	Pingada ji jasadólo.

Como puede observarse por estos pocos ejemplos, puede usarse el genitivo sin preposición o con las preposiciones *de*, *d'*, *ji*, para el uso de las cuales parece que miran más a la suavidad del sonido o pronunciación que otras reglas: aunque la preposición *ji* se usa más cuando el nombre que le sigue comienza por consonante y la preposición *de*, *d'*, si la palabra que le sigue comienza por vocal; pero no deja ésta de tener excepciones, sobre todo cuando hay cacofonía; v. gr.: El bastón de Andrés.—Budá Andelé o budán ji Andelé (por no decir budán d'Andelé).

El bastón del rey.—Budá alé.

El pueblo del Rey.—Palé alé, o d'alé

De dativo

El dativo en español, en *fa d' Ambô* se traduce unas veces con la preposición *da* (para) y otras con las preposiciones de genitivo; v. gr., y otras sin preposición:

Te vendo este tabaco para tu padre	M'vende tabacu say da pebo.
Toma este libro para tu hermano	Ma lávulu say da namen bo.
La calabaza para el hombre	Ojó nápay, o ji nápay.
Los perros para los criados	Jasólo nan tusu, o ji nan tusu.
Yo doy a ti yuca (pan de yuca)	M'da ba paxiója.

De ablativo

Este caso, pocas dificultades ofrece; pues basta saber emplear las preposiciones que suelen usarse.

La preposición *con* se traduce por *cu*, *jo*, *ji*; v. gr.: Juegas con el gato. *Bo fugá cu gátu.*

Paseas con tu amigo. *Bo pasía cu jamada bo.*

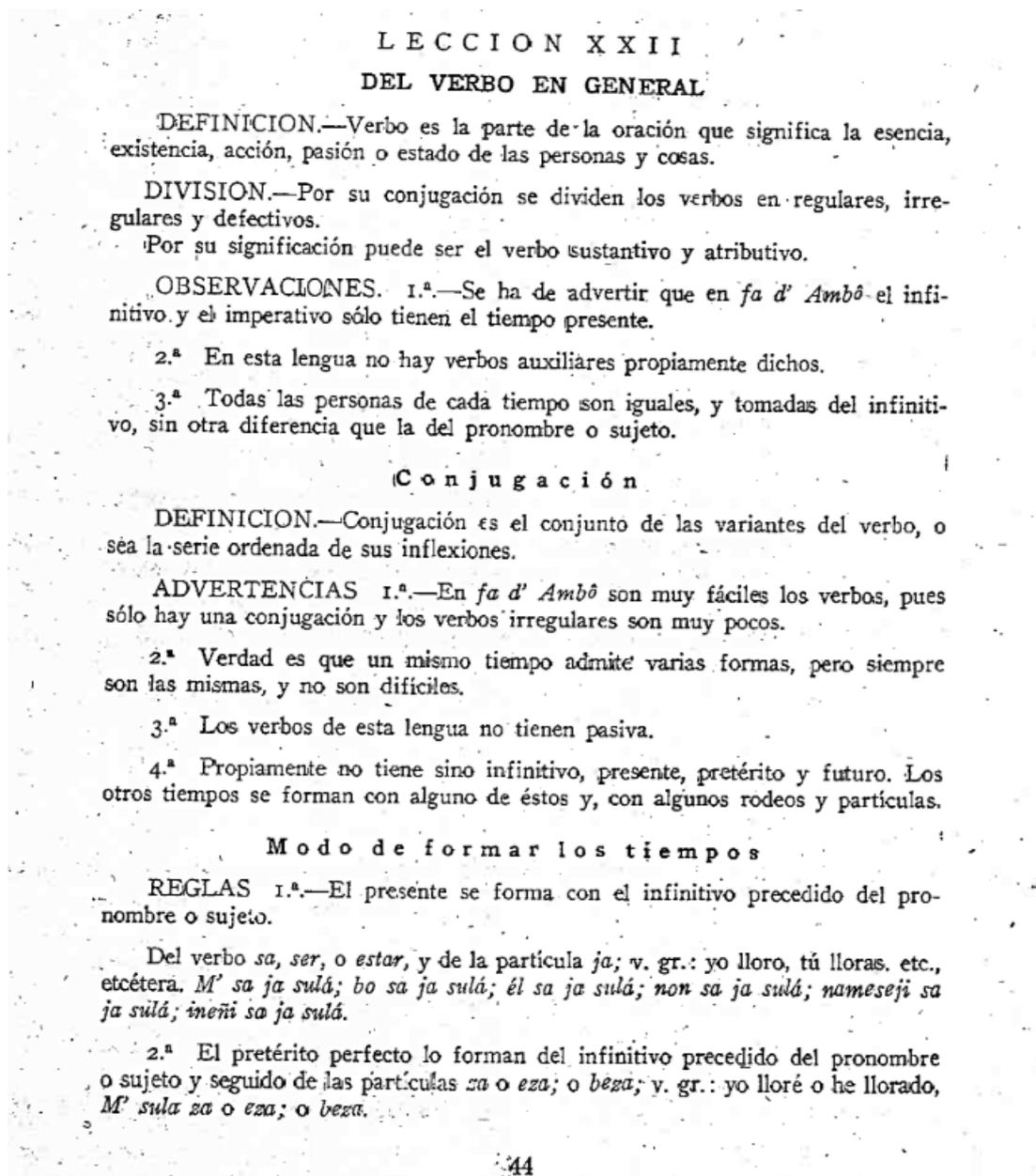
Tú vas con él.—*Bo ba jo'l.*

Fonte: Barrera (1957, p. 26 – 27)

Essa tentativa de adequação ao modelo é interessante também pelo fato de o próprio espanhol não ser uma língua com declinação, o que demonstra um comprometimento com uma tradição gramatical que se inicia muito anteriormente, uma vez que o espanhol também tinha passado por uma gramatização a partir do latim.

Já na lição XXII, em que Barrena trata dos verbos, ele escreve que “há de se advertir que em fa d’Ambô o infinitivo e o imperativo somente têm tempo presente”. Aqui, o autor alude novamente ao infinitivo no latim, que apresentava desinência modo-temporal de passado, presente e futuro. Como será discutido, os verbos em fa d’Ambô não apresentam flexão como ocorre nas línguas românicas. É curioso que Barrena reserve uma seção intitulada “conjugação”, definida como “o conjunto de variantes do verbo, ou seja a série ordenada de suas flexões” (BARRENA, 1957, p. 44), e logo abaixo escreva que o fa d’Ambô não apresenta conjugação com morfemas flexionais e os verbos irregulares são poucos. Isso demonstra que, por mais que o fa d’Ambô não se enquadre nos mesmos parâmetros estruturais de uma gramática românica, o autor ainda mantém cada categoria, ainda que para apontar a sua não ocorrência na língua:

Figura 3: Lição XXII



Fonte: Barrena (1957, p. 44)

De fato, o *fa d' Ambô* – assim como as suas línguas irmãs *santome*, *lung'le* e *angolar* – não apresenta morfologia flexional nos verbos. Em *fa d' Ambô*, as noções de tempo, modo e aspecto são dadas a partir de partículas pré-verbais. Nos verbos de ação, por exemplo, a ausência de marcação denota tempo passado e aspecto perfectivo:

(1) **Bo bê pixokho.**

2SG ver *pixokho*¹⁶

‘Você viu o *pixokho*.’ (AGOSTINHO *et al.*, 2019, p. 7, modificado)

Há também a possibilidade de uso da serialização verbal (HAGEMEIJER, 2009), fenômeno comum em línguas não indo-europeias em que dois ou mais verbos ocorrem juntos em uma única sentença sem um marcador de coordenação ou subordinação para indicar um único evento, como no exemplo abaixo:

(2) **Ê sê ku navi ba piska.**

3SG sair com barco ir pescar

‘Ele saiu de barco para pescar’. (POST, 1992, p. 6, modificado)

Todavia, ao apresentar os verbos em fa d’Ambô e suas respectivas traduções em espanhol, Barrena repete todo o paradigma verbal, ainda que o verbo não sofra qualquer flexão. A seguir podemos observar o tratamento da cópula *sa*, que também funciona como um marcador de aspecto progressivo em fa d’Ambô:

¹⁶ Um tipo de pão tradicional. O grafema <kh> representa [x].

Figura 4: Lição XXIII

LECCION XXIII

Verbo SER o ESTAR sa (nsa).

<i>Infinitivo</i>	ser o estar.	} sa
<i>Participio</i>	sido o estado.	

MODO INDICATIVO

Presente

(Única forma.)

Yo soy o estoy	m'sa.
Tú eres o estás	bo sa.
El es o está	él sa.
Nosotros somos o estamos	non sa.
Vosotros sois o estáis	nameséji sa.
Ellos son o están	ineñi sa.

Pretérito imperfecto (1).

(Primera forma.)

Yo era o estaba	m'sa za, ezá, beza.
Tú eras o estabas	bo sa za, ezá, beza.
El era o estaba	él sa za, ezá, beza.
Nosotros éramos o estábamos	non sa za, ezá, beza.
Vosotros erais o estábais	namejési sa za, ezá beza.
Ellos eran o estaban	ineñi sa za, ezá, beza.

Pretérito perfecto.

(Primera forma.)

Yo fui o estuve	m'sa.
Tú fuiste o estuviste	bo sa.
El fué o estuvo	él sa.
Nosotros fuimos o estuvimos	non sa.
Vosotros fuisteis o estuvisteis	nameséji sa
Ellos fueron o estuvieron	ineñi sa.

(Segunda forma.)

Yo fui o estuve, he sido o he estado...	m'sa za, ezá, beza.
Tú fuiste o estuviste, has sido o has estado	bo sa za, ezá, beza.
El fué o estuvo, ha sido o ha estado ...	él sa za, ezá, beza.
Nosotros fuimos o estuvimos, hemos sido o hemos estado	non sa za, ezá, beza.

(1) Unas veces se valen del presente y otras del pretérito perfecto.

Fonte: Barrena (1957, p. 46)

Tal redundância se deve ao objetivo pedagógico da gramática – uma vez que todo o contexto que a rodeia aponta que o público-alvo era o grupo de missionários –, mas principalmente para a tentativa de gramatização do fa d'Ambô a partir da tipologia linguística greco-latina.

Em relação ao que denomina *verbos regulares*, Barrena apresenta mais de uma forma para cada categoria de tempo do indicativo da gramática tradicional. Há, por exemplo, três

formas para o *presente* e três para o *pretérito imperfeito*, conforme pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 5: Lição XXVIII

LECCION XXVIII

VERBOS REGULARES

Como ya queda indicado todos los verbos regulares de esta lengua, cualquiera sea su terminación se reducen a una sola conjugación.

Ponemos a continuación el modelo de la conjugación de los verbos regulares *sulá*, *llorar*.

Modelo para conjugar todos los verbos regulares en fa d'Ambô.

Infinitivo..... sulá (llorar).

Participio..... suládu (llorando).

MODO INDICATIVO

Presente

(Primera forma)

Yo lloro	m'sa ja sulá.
Tú lloras	bo sa ja sulá.
El llorá	él sa ja sulá.
Nosotros lloramos	non sa ja sulá.
Vosotros lloráis	nameséji sa ja sulá.
Ellos lloran	ineñi sa ja sulá.

(Segunda forma)

Yo lloro	m'ja sulá.
Tú lloras	bo ja sulá.
El llorá	él ja sulá.
Nosotros lloramos	non ja sulá.
Vosotros lloráis	nameséji ja sulá.
Ellos lloran	ineñi ja sulá.

(Tercera forma)

Yo lloro.....	m'sulá.
Tú lloras	bo sulá.
El llorá	él sulá.
Nosotros lloramos	non sulá.
Vosotros lloráis	nameséji sulá.
Ellos lloran	ineñi sulá.

Pretérito imperfecto

(Primera forma)

Yo lloraba	m'sulá.
Tú llorabas	bo sulá.
El lloraba	él sulá.
Nosotros llorábamos	non sulá.
Vosotros llorábais	nameséji sulá.
Ellos lloraban	ineñi sulá.

(Segunda forma.)

Yo lloraba	m'sa ja sulá.
Tú llorabas	bo sa ja sulá.
El lloraba	él sa ja sulá.
Nosotros llorábamos	non sa ja sulá.
Vosotros llorábais	nameséji sa ja sulá.
Ellos lloraban	ineñi sa ja sulá.

(Tercera forma.)

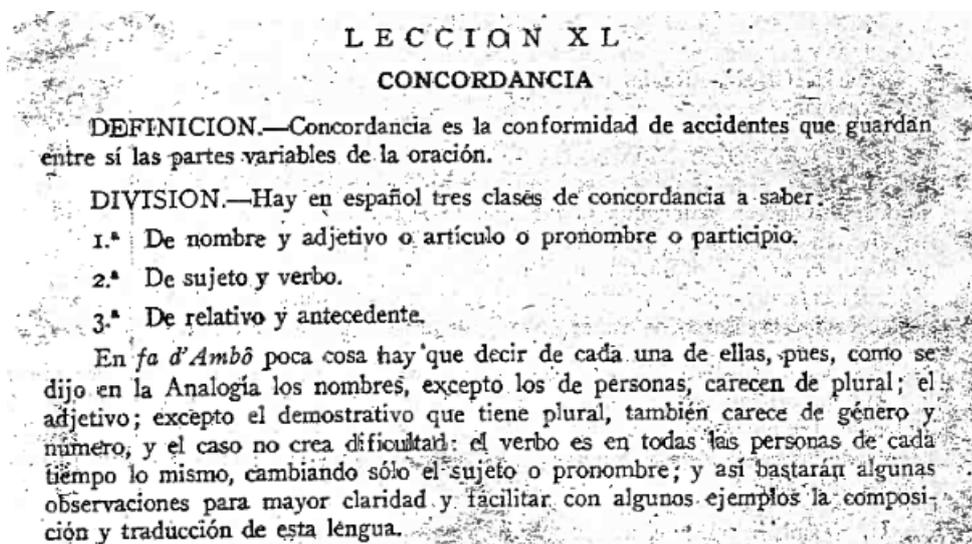
Yo lloraba	m'ja sulá.
Tú llorabas	bo ja sulá.
El lloraba	él ja sulá.
Nosotros llorábamos	non ja sulá.
Vosotros llorábais	nameséji sulá.
Ellos lloraban	ineñi ja sulá.

Fonte: Barrena (1957, p. 61-62)

É possível verificar uma sobreposição entre a primeira forma do presente e a segunda forma do pretérito imperfeito; entre a segunda forma do presente e a terceira forma do pretérito imperfeito e entre a terceira forma do presente e a primeira forma do pretérito imperfeito, o que demonstra que as categorias utilizadas não funcionam na gramática do fa d'Ambô. Ao mesmo, isso evidencia que o autor compreende que o fa d'Ambô não se encaixa nesse modelo.

Na lição sobre concordância, Barrena apresenta uma reflexão sobre as diferenças gramaticais entre o espanhol e o fa d'Ambô. Em relação ao paradigma verbal em fa d'Ambô, o autor coloca que “el verbo es en todas las personas de cada tempo lo mismo, cambiando solo El sujeto o pronombre¹⁷” (BARRENA, 1957, p. 85).

Figura 6: Lição II



Fonte: Barrena (1957, p. 85)

Nesse sentido, o trabalho de Barrena não se limita apenas a uma replicação de um modelo gramatical, mas demonstra também o conhecimento linguístico do autor na forma como trata alguns fenômenos. Por exemplo, na lição XXIV, sobre adjetivos numerais, Barrena emprega duas grafias diferentes para o mesmo morfema: *ambudu* ('uma pedra') e *andéixibudu* ('dez pedras') (BARRENA 1957, p. 36). A escolha por diferenciar a ortografia nesse caso tem como motivação um processo de assimilação do ponto de articulação da consoante precedente, em que a consoante nasal é produzida como [m] diante de uma consoante bilabial e [n] diante

¹⁷ “O verbo é o mesmo em todas as pessoas de cada tempo, mudando apenas o sujeito ou pronome” (tradução nossa).

de uma consoante alveolar. Assim, a diferença ortográfica entre *am* e *an* na escrita de Barrena parece apontar para o conhecimento fonético-fonológico do autor.

Outro exemplo que demonstra esse conhecimento é a descrição sobre sequências de consoante nasal + consoante oclusiva em início de palavra, que não ocorrem em línguas românicas. Barrena descreve, inclusive, o movimento articulatorio para a produção dessas sequências, como é possível observar no trecho abaixo:

Figura 7: Lição II

CONSONANTES DOBLES.—Tiene el fa d' Ambô, aunque no son muchas, algunas palabras que comienzan por *m* o por *n* seguidas de otra consonante; v. gr.: *m̄ba*, encorbar, o encorbarse; *m̄basá*, costilla; *m̄ma*, caro (precio muy subido); *n̄desa*, Andresa; *ntela*, estrella, etc.

Para pronunciar bien estas letras hay que figurarse que les precede *e*, la que intentando pronunciar con los labios cerrados no se percibe, sino la consonante.

Fonte: Barrena (1957, p. 20)

Em suma, é possível observar na gramática de Barrena, de uma maneira geral, uma tentativa de adequação ao modelo gramatical greco-latino. Porém, ao mesmo tempo, o autor apresenta diversos comentários e descrições que demonstram uma reflexão mais aprofundada da língua e que evidenciam a limitação do modelo utilizado.

3.3. Público-alvo

Em Barrena (1957), o teor pedagógico da obra – destinada à própria comunidade missionária – é evidente. Além da redundância presente nas descrições linguísticas da língua, como no já comentado caso do paradigma verbal, as comparações ao espanhol são constantes na obra, como nos fragmentos expostos abaixo:

- a) Alfabeto: “O alfabeto *annobonés* consta de vinte e sete letras, que são as mesmas do espanhol, com exceção do *ll* e *rr*” (p. 17).
- b) Consoantes simples: “Pode-se afirmar que, com exceção de quatro consoantes: *j*, *v*, *x*, *z*, todas soam ou se pronunciam como em espanhol” (p. 19).
- c) Partes da oração: “As partes da oração em *fa d' Ambô* são dez, como no espanhol, a saber: artigo, nome substantivo, nome adjetivo, pronome, verbo, particípio, advérbio, preposição, conjunção e interjeição” (p. 20).

Na realidade, usar a própria língua nativa como referência servia como maneira de facilitar o aprendizado da língua estrangeira alvo. Somado a isso, há vários exercícios de tradução espanhol – fa d’Ambô ao longo da gramática:

Figura 8: Exercícios práticos

EJERCICIOS PRACTICOS	
<ol style="list-style-type: none"> 1. ¿Quién ha hecho esto? 2. Yo he hecho esta casa y Manuel aquélla. 3. Este papel es mejor que ése que tú tienes, pero esa pluma va mejor que ésta. 4. Estos dos niños son muy buenos, éste es español, aquél portugués. 5. Lo que dices es lo que yo pensaba. 6. ¿Conoce usted a los que vienen? 7. Sí, señor, son los que estuvieron ayer en nuestra casa. 8. Ese que ves es mi hermano, y el que le acompaña es el de Juan. 9. El que estudia aprenderá, y el que es perezoso será siempre un tonto. 10. Esos que tanto hablan, son los más ignorantes. 11. No olvides esto por aquello. 12. Este sombrero es el de mi hermano y aquél el de Pedro; el de Juan ha desaparecido. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. ¿Quengue fe josay? 2. M’fe jaji say se Mené fe isalá. 3. Fa jata isay sa gavi maix cu isay sa cu bó, manji opá squevé say sa gavi maix cu isay. 4. Namina dos nensay sa gavi muitu, isay sa lavana, isa’á sa chiguesu. 5. Joxi bo falá se sa ixi que m’masná. 6. ¿Bo jonsé nangue nensay saja bi yay? 7. Xué, se sa nanguinenxi sta jaji no onte. 8. Isay cu bo sa ja be sa namé mu se nguixi jo’l sa ja bay sa ji Zuá. 9. Nguixi sa ja le, que xiná muitu, se nguixi sa piscozu que sa danadu tujia. 10. Nangué nensay sa ja fa muntay, se sa danadu maix cu tudu. 11. Bo na quesé josef di’salaf. 12. Bête say sa ji namé mu, se isalá sa ji Pédulu; ji Zuá pendé.

Fonte: Barrena (1957, p. 40)

Há ainda outros elementos que caracterizam o caráter prático e pedagógico da obra destinada à comunidade missionária, tais como o trecho sobre como se cumprimentar em fa d’Ambô (p. 91-92), e a inclusão do *Gozo a San Antonio de Padua* em fa d’Ambô no apêndice (p. 93).

A gramática de Vila (1891) também evidencia a comunidade claretiana como o público-alvo do trabalho missionário. Vila inicia o prólogo apresentando o fa d’Ambô como uma língua que oferece pouca dificuldade de aprendizagem, não sendo necessária a elaboração de um “tratado extenso sobre este idioma”. E segue dizendo que:

Las reglas sencillas y breves, que con el nombre de *Elementos* tenemos el gusto de ofrecer á nuestros Hermanos, y la ayuda de un pequeño diccionario que tenemos ya comenzado, y con el favor de Dios no tardaremos mucho en concluir, serán, á nuestro parecer, suficientes para que, el día que a obediencia los envíe á esta Isla, entiendan a los indígenas, y no tengan necesidad más que de perfeccionarse la pronunciación con su trato para hacerse entender de ellos. La facilidad de este idioma proviene de su mucha semejanza con el portugués, del cual ha tomado muchas palabras, pudiendo en

verdad decirse que el ambú actual no es más que una amalgama del primitivo con el portugués'¹⁸ (VILA, 1891, p. 05)

Algumas considerações podem ser feitas a partir desse fragmento. Primeiramente, a respeito das intenções implicadas na descrição do *fa d'Ambô*: *Elementos* teria fins pedagógicos, escrita em forma de manual, e destinada para a comunidade de missionários exclusivamente para o exercício de catequização na colônia¹⁹. Esses dados correspondem às informações apontadas por Hovdhaugen (1996), de que, na maioria das vezes, gramáticas missionárias eram produzidas para os próprios colegas da congregação, sendo que muitas não eram sequer imprimidas, mas sim copiadas à mão.

A suposta facilidade em aprender a língua descartaria a necessidade de um aprofundamento de sua gramática. Em outras palavras, o objetivo motor da descrição da língua seria comunicar-se com os falantes, e não o estudo da língua. Por outro lado, a afirmação de que o *fa d'Ambô* seria uma fusão entre o português com o “primitivo” demonstra que Vila reconhece as fronteiras entre os idiomas, já que não trata o *fa d'Ambô* como uma variedade do português. Cabe aqui o questionamento do que há por trás da noção de *primitividade*. Tal significante poderia estar apontando, de maneira implícita, para as línguas africanas que compõem o substrato do *fa d'Ambô*.

3.4. A *Gramatica Annobonesa* como uma gramática missionária de uma língua crioula

Como mencionado anteriormente, a gramática de Barrena não é citada em obras dedicadas à historiografia da linguística missionária. Um dos trabalhos mais recentes e importantes que trata de gramáticas missionárias da Ásia, África e Brasil é o de Zwartjes (2011), em que o autor opera um recorte que circunscreve o período entre os anos de 1500 e 1800, e afirma que

‘It is significant that Portuguese and Spanish missionaries never compiled grammars or dictionaries of the varieties such as pidgins and creoles that resulted from contact with European languages: they were interested in independent “natural languages” which had not been corrupted by linguistic contact’. (ZWARTJES, 2011, p. 13)

¹⁸ Sobre o “pequeno dicionário” citado por Vila, referências apontam para a existência de um dicionário “espanhol - *fa d'Ambô* e *fa d'Ambô* - espanhol”, de autoria de Natalio Barrena, datado de 1928 (STREIT & DINDINGER, Almanaque 1923, in: REINECKE *et al.*, 1975, p. 94 *apud* MADEIRA, 2008, p. 07, 126). Como não há quaisquer outras informações a respeito de possíveis exemplares, não é possível precisar que se trata do mesmo dicionário que Vila menciona, senão estimar com base nas datas de chegada do autor em Ano Bom e de seu falecimento, já mencionadas.

¹⁹ *Arte da Língua de Angola* (1697), escrita pelo jesuíta Pedro Dias, também tinha como público-alvo à própria comunidade da Companhia de Jesus (ROSA, 2013).

Muito embora as primeiras descrições gramaticais do fa d'Ambô tenham sido elaboradas somente no final do século XIX e no século XX, Zwartjes não dedica qualquer menção às obras de Vila e Barrena, como faz ao abrir uma nota para informar sobre descrições linguísticas de línguas crioulas empreendidas por protestantes morávios, e de um vocabulário francês – crioulo, do Haiti, publicado em 1802 (ZWARTJES, 2011).

Apesar de não ser citada na literatura sobre gramáticas missionárias, a gramática de Barrena está de acordo com a definição de Zwartjes, que considera que gramáticas missionárias:

- (i) Funcionam como material pedagógico: “were mainly written as pedagogical tools for language teaching and learning in a missionary-colonial setting” (2018, p. 1).
- (ii) Utilizam o modelo greco-latino: (t)hese grammars are modeled according to the traditional Greco-Latin framework (...) In the New World, Asia, and elsewhere, missionaries had to find an adequate methodology in order to describe typological features they had never seen before” (2018, p. 1).

O teor pedagógico e o público-alvo descritos nesta seção são indicativos de que a obra corresponde às características de gramáticas de tradição missionária descritas por Hovdhaugen (1996).

Assim, corroboramos Agostinho (2021), e consideramos a gramática de Barrena como um raro exemplo (e talvez o único) de uma gramática missionária de uma língua crioula. Ademais, sugerimos que essa obra seja uma das últimas gramáticas missionárias, ou talvez a última.

Considerações finais

A forma como Barrena (1957) conceitualiza o termo *gramática*, como “arte de falar e escrever”, nos indica, logo no início de sua obra, a influência da tradição gramatical greco-latina do renascimento, que buscava padronizar a língua nacional em busca de promover a unidade linguística da nação, em oposição ao latim, que vigorava como língua oficial, política e literária. No caso do fa d'Ambô, a influência gramatical caracteriza-se somente no que diz respeito à descrição linguística, e não ao contexto da elaboração da gramática. Em outras palavras, a missão claretiana trabalhava a serviço do governo espanhol, empenhada tanto em

transmitir a fé católica (vigorante em Espanha) aos habitantes de Ano Bom, quanto em ensiná-los o espanhol. Os exemplos e comparações do fa d'Ambô com o espanhol demonstram o teor pedagógico da obra, que por sua vez, não eram voltados para a fins de alfabetização da própria população nativa, mas para servir como um manual à comunidade missionária que vivia na colônia e precisava aprender a língua nativa para transmitir a fé e traduzir catecismos do espanhol para o fa d'Ambô. Além da definição de *gramática* empregada pelo autor, as constantes comparações com o espanhol e referências ao latim, indicam uma tentativa eurocêntrica de enquadrar o fa d'Ambô nas categorias gramaticais de uma língua de tipologia românica, a partir de um modelo greco-latino de gramática. Ao mesmo tempo, Barrena apresenta reflexões sobre as diferenças gramaticais entre o fa d'Ambô e o espanhol em diversos trechos, o que demonstra uma compreensão acerca da incompatibilidade do modelo utilizado. Ademais, o fato de se escrever uma gramática do fa d'Ambô coloca esta língua como diferente do espanhol e do português, ou seja, em um lugar de “singularidade” (cf. Orlandi 2000, p. 27). É válido lembrar que não temos conhecimento de outras gramáticas missionárias sobre línguas de contato, além das gramáticas de Barrena e Vila (cf. ZWARTJES, 2011, p. 13).

A motivação da escrita da gramática de Barrena é ligada à tentativa de catequização da população de Ano Bom, sendo destinada para a comunidade de missionários e não para os falantes da língua. Nesse sentido, prevalece o teor pedagógico voltado para o ensino de uma língua estrangeira, escrita por um não-nativo.

Concluimos que o uso do (i) modelo greco-latino, o (ii) teor pedagógico e (iii) o público-alvo são indicativos de que a obra corresponde às características de gramáticas missionárias a partir de Hovdhaugen (1996) e Zwartjes (2018: 1), sendo uma das últimas publicações (e talvez a última) deste tipo, conforme sugerido por Agostinho (2021). Assim, a gramática de Barrena se apresenta como um raro exemplar de gramática missionária de uma língua crioula.

Referências

AGOSTINHO, A. L. Fa d'Ambô (Equatorial Guinea) - Language Snapshot. *Language Documentation and Description*. Vol. 20, p. 123-134, 2021.

AGOSTINHO, A. L.; ARAUJO, G. A. De. Playing with language: Three language games in the Gulf of Guinea. *Language Documentation & Conservation*. Vol. 15, p. 219-238, 2021.

AGOSTINHO, A. L.; ARAUJO, G. A. De; SANTOS, E. F. Dos. Interrogative particle and phrasal pitch-accent in polar questions in Fa d'Ambô. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*. Vol. 14, N. 3, p. 1-16, 2019.

AGOSTINHO, A. L.; HYMAN, L. M. Word Prosody in Lung'Ie: One System or Two? *Probus*. V. 33, N. 1, p. 57-93, 2021.

ALTMAN, C. A descrição das línguas 'exóticas' e a tarefa de escrever a história da linguística. *Revista da Abralin*. Vol. Eletrônico, N. Especial, p. 209-230, 2011.

ARAUJO *et al.* Fa d'Ambô: língua crioula de Ano Bom. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Vol. 55, N. 2, p. 25-44, 2013.

ARAUJO, G. A. De; AGOSTINHO, A. L. Fa do Vesu, a language game of Fa d'Ambô. *PAPIA*. Vol. 24, N. 2, p. 265-281, 2014.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARRENA, N. *Catecismo de ladoctrina Cristiana del V. P. Antonio María Claret; traducido al fa d'ambô*. Madrid: Editorial Del Corazón de María, 1928.

BARRENA, N. *Gramatica Annobonesa*. Madrid: Instituto de Estudios Africanos, 1957.

BATISTA, R. O. Descrição de línguas indígenas em gramáticas do Brasil colonial. *DELTA*. Vol. 21, N. 1, p. 121-147, jun. 2005.

BRONKHORST, J. Buddhist Hybrid Sanskrit: The Original Language. In: *Aspects of Buddhist Sanskrit. Proceedings of the International Symposium on the Language of Sanskrit Buddhist Texts, Oct. 1-5, 1991*. Sarnath, Varanasi: Central Institute of Higher Tibetan Studies, 1993.

BUENO, F. S. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1944.

COSME, A. T. *As Relações Filogenéticas entre os Crioulos do Golfo da Guiné*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2014.

ECHEGARAY, C. G. *Historia de la prensa em Guinea Ecuatorial em El siglo XX: cien años de publicaciones periódicas*, 1999. Disponível em:

<https://static.cambridge.org/content/id/urn:cambridge.org:id:article:S026667311500001X/resource/name/S026667311500001Xsup001.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

FERNANDES, G. Primeiras descrições das línguas africanas em língua portuguesa. *Revista Confluência*, n. 49, 2015.

FONDO Claretiano. *Comunidad de Banapá. 1922. Además del P. N. Barrena están los PP. Olangua, Arregui, Jutglar, J. Jimenez, Suberbiola y el H. Iturriza*. 2006. 1 fotografia, p&b. 1024x768 pixels. Disponível em: <http://bioko.net/claret/displayimage.php?album=1&pos=12>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GRANDA, G. Las lenguas de Guinea Ecuatorial: Materiales bibliográficos para su estudio. *Thesaurus*. Tomo XXXIX, N. 1, 2 e 3, p. 173-193, 1984.

HAGEMEIJER, T. As Ilhas de Babel: a criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões*. N. 6, p. 74-88, 1999.

HAGEMEIJER, T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*. Vol. 1, p. 1-27, 2009.

HAGEMEIJER *et al.* *Fa d'Ambô corpus*. Centro de Linguística Da Universidade de Lisboa (CLUL), 2014.

HOLM, J. *Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOVDHAUGEN, E. *...and the Word was God. Missionary Linguistics and Missionary Grammar*. Münster: Nodus, 1996.

LA GUINEA Española. Ano I, N. 1, abr. 1903. Disponível em: <http://www.bioko.net/guineaespanola/A1903.htm>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LA GUINEA Española. Ano VI, N. 14, jul. 1909. Disponível em: http://www.bioko.net/guineaespanola/1909/190907_25.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

LA GUINEA Española. Ano VI, N. 16, ago. 1909. Disponível em: http://www.bioko.net/guineaespanola/1909/190908_25.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

MADEIRA, S. L. R. *Towards an annotated bibliography of restructured Portuguese in Africa*. 2008. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2008.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965.

MEIJER, G.; MUYSKEN, P. C. On the Beginnings of Pidgin and Creole Studies: Schuchardt and Hesselning. In: VALDMAN, A. (Org.). *Pidgin and Creole Linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

MUYSKEN, P. C.; SMITH, N. The study of pidgin and creole languages. *In: ARENDS, J.; MUYSKEN, P. C.; SMITH, N. Pidgins and Creoles: An introduction.* Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 1994.

ORLANDI, E. P. O estado, a gramática, a autoria: língua e conhecimento linguístico. *Línguas e Instrumentos Linguísticos.* Vol. 3, N. 4/5, p. 19-34, 2000.

POST, M. The serial verb construction in Fa d'Ambu. *In: d'ANDRADE, E.; KIHM, A. (Orgs.). Actas do colóquio sobre “Crioulos de base lexical portuguesa”.* Lisboa: Colibri, 1992.

POST, M. Negation in fa d'Ambô. *In: DEGENHARDT, R.; STOLZ, T.; ULFERTS, H. (Orgs.). Afrolusitanistik – eine vergessene Disziplin in Deutschland?* Bremen: Universität Bremen.

ROCHA, E. L. F. *A Ars Grammatica de Diomedes. Reflexos do bilinguismo greco-latino.* 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ROSA, M. C. *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias.* 1ª Ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SCHUCHARDT, H. *The Ethnography of Variation: Selected writings of pidgins and creoles.* Ann Arbor: Karoma Publishers, 1979.

SEGORBE, A. Z. *Gramática descriptiva Del fa d'Ambô.* Malabo: Ceiba Ediciones, 2010.

STELLA, J. B. A gramática de Pânini. *Revista Letras*. N. 2, p. 146-150, 1960.

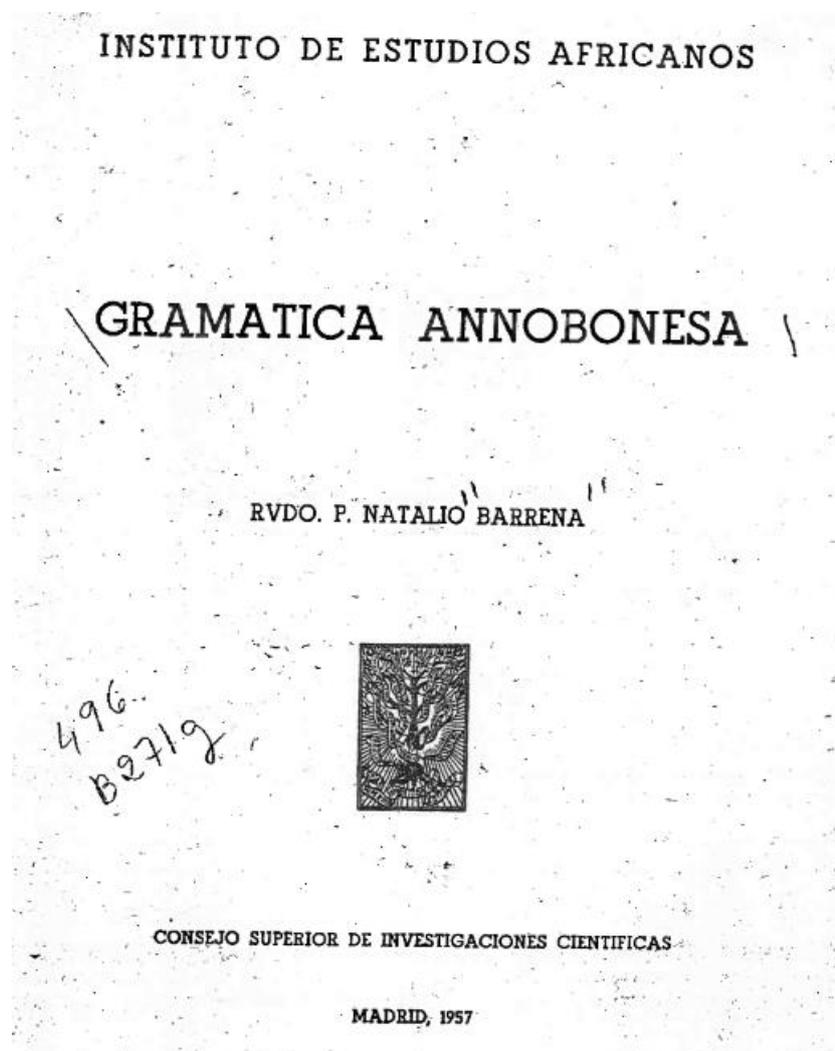
SWIGGERS, P. 2012. Linguistic Historiography: Object, methodology, modelization. *Todas as Letras*. Vol. 14, N. 1, p. 38-53, 2012.

TEODORO, L. A.; ALMEIDA, L. A. Os primeiros passos dos escritos em línguas vernáculas na Idade Média. *História e Cultura*. Vol. 5, N. 1, p. 2-4, mar. 2016.

VILA, I. *Elementos de La Gramatica Ambú o de Annobón*. Madrid: Imprenta de A. Perez Dubrull, 1891.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Lingüística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ZWARTJES, O. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 2011.

ANEXO A - Cópia de *Gramatica annobonesa* (BARRENA, 1957)

ANEXO B - Revista *La Guinea Española*, 1909

AÑO VI |  | BANAPA (Fernando Poo) 25 DE AGOSTO DE 1909 |  | Núm. 16



Guinea Española

REVISTA QUINCENAL

SE PUBLICA LOS DIAS 10 Y 25 DE CADA MES
CON APROBACIÓN ECLESIASTICA.

Redacción y Administración.
BANAPA (FERNANDO POO)

PRECIOS DE SUSCRIPCION

para el
AFRICA OCCIDENTAL: **4 pesetas** por semestre.
Pago Adelantado. Número atrasado: **una peseta.**

Se admiten **ANUNCIOS** á 0'25 ptas. la línea.
Item **Comunicados y Esquelas mortuorias**, á precios convencionales. Es condición indispensable que se nos remitan cuatro días antes, por lo menos

Diríjase toda la correspondencia al Director:
Rdo. Padre Marcos Ajuria en Basile (Fdo. Poo)

RECOMENDAMOS

las siguientes publicaciones con cuyo cambio nos honramos:

- El Correo de Cádiz:** diario católico Plaza de Castelar, 4. Cádiz
El Monte Carmelo: revista quincenal ilustrada. Carmen de Burgos. Eurgos
El Pueblo Católico: -bisemanario. Muñoz Gaornica, 33. Jaén.
La Cruz: revista mensual. Calle de la Reina, 4. Madrid.
El Combate: semanario católico. Plaza del general Felipe Martínez, 7. Jaén.
-

Fonte: Raimonland.net, 2006. Disponível em: http://www.bioko.net/guineaespanola/1909/190908_25.pdf.

Acesso em: 19 jun. 2023.

La Isla de Annobón

UN PASO PARA SU CONOCIMIENTO

4. Extensión de la isla y calidad del terreno. —Difícil es apreciar la extensión de la isla, sin aparatos propios para medirlos por razón de ser tan escabrosa, especialmente por el E. y O. puesto que apenas puede darse un paso por la parte costera de la misma. Sin embargo aproximadamente vendrá a tener de unos cuatro á seis kilómetros de latitud (de E. á O.) por diez á doce de longitud, ó sea de N. á S.

Los indígenas, particularmente los hombres, de ordinario van por mar en unos pequeños y frágiles cayucos, que manejan á maravilla. Con esas pequeñas embarcaciones, que se deslizan suavemente en el agua mediante una pala que sirve de remo pueden dar vuelta á la Isla en pocas horas.

En una de las ocasiones que en el año 95 dimos la vuelta á la isla con nuestra pequeña balenera con solo tres remos y sin contar las paradas en S. Pedro y en S. Antonio, pueblecillos del E. y del S. respectivamente, nos costó sólo 4 horas y 22 minutos.

El terreno de la isla es muy accidentado, pedregoso y, según todas las nuestras, de origen volcánico; lo cual se echa de vez examinando las rocas y las varias capas de lava petrificada entremezcladas de cantos rodados y otras materias formando arga-

masas de varias clases más ó menos consistentes.

La capa de humus que se extiende sobre la estéril roca es demasiado ténue para que la isla sea fértil como la de Fernando Poo, y por lo general mezclada con abundancia de piedras que la hacen más difícil al cultivo. No obstante de ser el mantillo tan escaso, se halla la isla poblada de vegetación, á no ser en algunas partes del N. Lo que prueba que la poca tierra vegetal existente es de muy buena calidad.

Hay sin embargo algunas docenas de hectáreas de tierra buena y no tan pedregosa en la parte llana del N. O. que, si la lluvia fuera más copiosa y la seca no tan pertinaz, podría aprovecharse para plantaciones de cacao.

Las palmeras, plátanos y la yuca se dan muy bien. También al S. de la laguna se encuentran algunos kilómetros de tierra buena y fértil que se puede aprovechar para cacao y otros productos propios de esta zona. Ya algunos indígenas han comenzado á probarlo y parece que han hallado resultado satisfactorio.

5. Montes y picos principales. Los montes principales, la cumbre de casi todos los cuales termina en pico, son los siguientes: el monte «Quióveo» que se halla casi en el centro de la misma algún tanto al S. O., es el más alto de todos; y por no tener barómetro ni otros aparatos no pudimos medir su altura.

Desde el pueblo de St.^a Cruz que se halla enclava to al O. en los estribaciones de este monte nos costó subir á su cumbre dos horas; subiendo la mayor

Fonte: Raimonland.net, 2006. Disponível em: http://www.bioko.net/guineaespanola/1909/190907_25.pdf.

Acesso em: 19 jun. 2023.

ANEXO D - Revista *La Guinea Española*, 1909

LA GUINEA ESPAÑOLA.

—131—

impedia ni ponía orden; había muchas riñas y no había quien pusiese paz. En una palabra teníamos aquí un pueblo ó más bien una Isla entera de más de mil cuatrocientos habitantes sin autoridad y sin ninguna clase de gobierno.

Así continuaron las cosas hasta el año 1902 en que se creó la Delegación de Annobón á cargo de un empleado europeo con un practicante y un puesto de policía colonial. Los resultados de semejante medida no se han hecho esperar.

12. Cuáles son su idioma y su religión: Calendario.— El idioma de los annoboneses es particular de esta Isla y no se conoce fuera de ella, aunque es muy parecido al de Sto. Thomé, como vamos á decir luego.

La lengua de estas gentes parece derivada del idioma de Sto. Tomé; pues he tenido ocasión de oír hablar á los naturales de la referida Isla con los de Annobón, cada uno en su lengua, y se entendían bastante bien en casi todo, á no ser en algunas palabras que eran diferentes. Lo cual no es nada de extrañar, supuesto que esta Isla de Annobón hubiera sido poblada con los habitantes de aquella.

Su religión.—La religión de estos habitantes es la católica, la cual, implantada por algunos Misioneros portugueses á fines del siglo dieciocho, se ha conservado al través del pasado siglo hasta el presente, aunque á su manera; pues casi todas las ceremonias católicas habían degenerado en supersticiones ridículas ó á lo menos en vanas imitaciones y sólo tenían alguna idea vaga del cristianismo, del que no sabían sino unas cuantas oraciones en portugués; y en latín, pero tan corrompidas y mal dichas, que apenas se parecen á las originales, lo cual se iba transmitiendo de padres á hijos. Todavía hay varios ancianos de ambos sexos bautizados por ellos, los cuales son los que mejor saben esas oraciones en portugués y en latín, como son el «Misericordia», el «Benedictus», etc., en latín muy corrompido, y en portugués las oraciones del catecismo como son: el «Yo pecador», «Señor mío Jesucristo», «Salve», «Padre nuestro», «Ave Maria», «Pecados Capitales», «Obras de misericordia», «Sacramentos», etc.; pero los que sepan todo esto son muy pocos.

Abando toda esta Isla por los Misioneros portugueses, suplieron á éstos, en lo que pudieron, algunos sacristanes, cada uno de los cuales estaba encargado de su iglesia ó ermita, pues es de saber que las hay en gran número, (19 entre todas las de la Isla). De la Iglesia «grande» ó «guesa gany», que ellos dicen, estaba encargado el primero y principal, quien hacía casi todas las funciones: que acostumbra los católicos como «bautizar», «enterrar», «casar», «cantar letanias», «benedicir agua», «benedicir al pueblo», «hacer rogativas para pedir agua», etc., etc. Una de estas funciones la hacían los domingos y días de fiesta, la cual consistía en que el referido sacristán (Sanguistá) vestido con una bata azul si la de la sacristía con dos acólitos uno de los cuales sacaba un libro que hacía de «ritual» y, colocados en frente del altar, entonaban la letanía de los santos, haciendo como que leía, pero sin saber leer, y llegando al «Sancta Maria» y al Santo del día, si era de los que entran en las letanias, tocaba la campanilla. Luego cantaban

alguna otra cosa ya en latín, ya en portugués corrompidos, á manera de salmos que también los repetía el pueblo.

También hacían otras ceremonias, aun estando la Misión Española, aunque pedían antes permiso al Padre Superior, como he tenido ocasión de ver muchas veces, como los cánticos de las cuatro noches que preceden al día de Navidad y cuando hacían rogativas en tiempo de sequía para pedir agua, los siete pasos de la pasión de Cristo ó la «Pases», que ellos llaman y además aún continuaban bautizando, etc., etc.

Para enterar mejor á los que esto lean sobre las funciones que hacían estas gentes, pondremos algunos de los cánticos que en ellas empleaban sacados de un catecismo portugués impreso en Lisboa el año 1824, que tengo á la vista, ordenado á manera de diálogo por el P. Marcos J., Doctor en Teología, y acrecentado por el P. Ignacio Martins Doctor Teólogo. Es un libro que apenas se puede leer de comido que está por los ratones y de quemado; y sin embargo lo guardan y conservan como una joya, especialmente el «Maestre Escolas» que es como el encargado de enseñar estas cosas y el que me ha dejado el libro por algunos días.

Contiene el referido libro, primeramente una devoción á S. Antonio para encontrar las cosas perdidas; luego pone las indulgencias que ganan los que enseñan y aprenden la doctrina cristiana; después pasa á explicar la doctrina cristiana en doce capítulos.

En el capítulo trece trae cuatro maneras de ayudar misa que son: según el rito Romano, según el rito de la Orden Carmelitana, conforme al rito de la Orden de S. Bernardo, y conforme al rito de la Orden de Sto. Domingo. En el capítulo catorce trae unas oraciones en latín que son: «Pater noster», «Ave Maria», el «Credo», y «Salve Regina». Luego siguen á manera de Apéndice algunos tratados muy devotos y provechosos ordenados por el P. Ignacio Martins, que comprenden lo que ha de hacer el cristiano para recibir los sacramentos de Confesión y Comunión. Luego siguen las letanias de los santos y otras cosas que parece se las han dejado perder. Sigue después el modo de rezar el rosario y finalmente vienen las «Cantigas Devotas».

(Continuará) *Natalio Barrena, C. M. F.*

La Kola

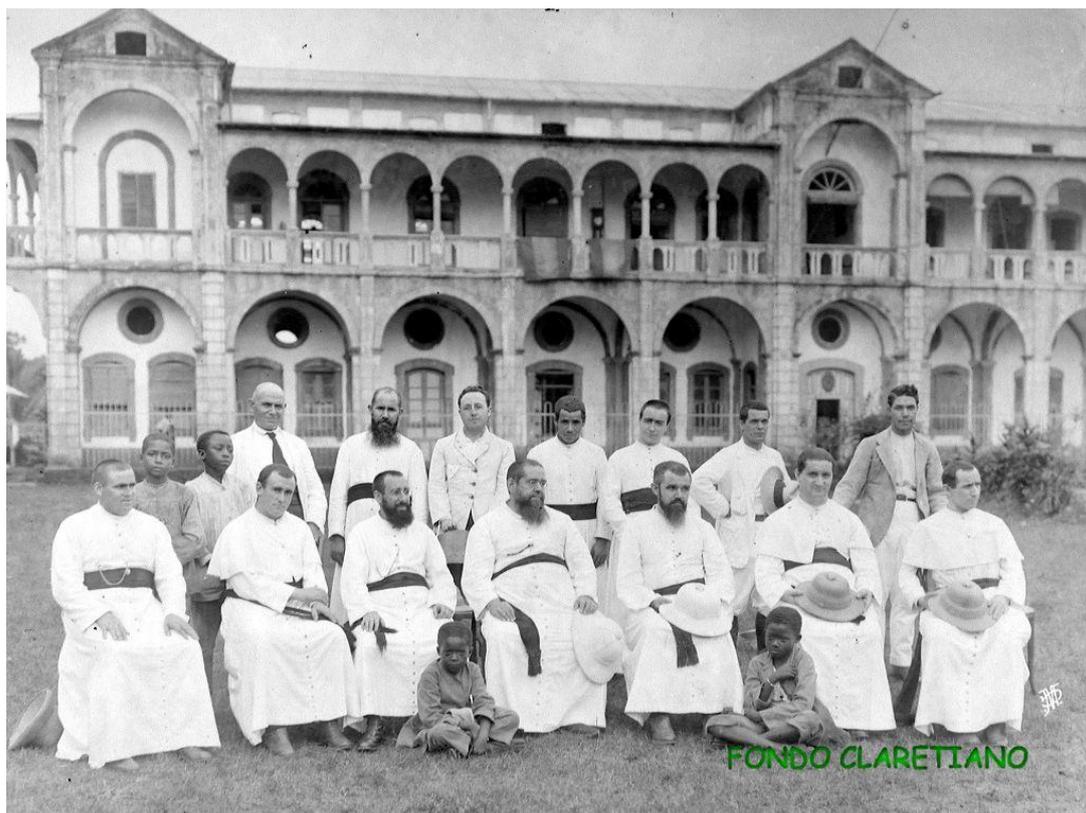
Entre esta hermosa variedad de árboles frutales que pueblan los montes y los valles de nuestra Guinea, sobresale el llamado árbol de la Kola, conocido, es cierto, en nuestra Colonia pero poco aprovechado; lo cual es de sentir, atendida su excepción e importancia. Nos permitirán, pues, nuestros lectores que digamos cuatro palabras siquiera, sobre dicho producto; el cual, si bien es útil en todas partes al hombre, lo es aun más aquí mismo donde lo tenemos tan á mano.

El árbol de la Kola pertenece á las malváceas, y llega á adquirir la altura de diez y hasta de veinte metros. Los hemos visto en las montes y en las

Fonte: Raimonland.net, 2006. Disponível em: http://www.bioko.net/guineaespanola/1909/190908_25.pdf.

Acesso em: 19 jun. 2023.

ANEXO E - Comunidade missionária de Banapá



Fonte: Fondo Claretiano. Disponível em: <http://bioko.net/claret/displayimage.php?album=1&pos=12>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ANEXO F - Primeira edição da revista *La Guinea Española*, 1903

Año I. **Núm. I.**

La Guinea española

PERIÓDICO QUINCENAL

DEFENSOR Y PROMOTOR DE LOS INTERESES DE LA COLONIA.

PRECIOS DE SUSCRIPCIÓN: Isla de Fernando Poo 2 pts. por trimestre adelantado. Territorios de Guinea 2'50 id. España y países europeos 4 id. América y 5 id.

Redacción y admón. Misión de Banapá. Banapá 1 de Abril de 1903.

EL DIA SUSPIRADO.

Llegó por fin el día tan suspirado; tenemos la dulce satisfacción de saludar al público desde las columnas de una nueva publicación quincenal que, aunque humilde y sencilla y sin pretensiones de ningún género, así y todo, no dudamos que desde las apartadas regiones en que vivimos ha de contribuir no poco a la gloria de Dios, al lustro y esplendor del Catolicismo y a la prosperidad maternal y moral de nuestra madre España. Y de propósito hemos dicho día suspirado, pues, a la verdad, este ha sido nuestro suspiro desde hace muchos años, suspiro que salía de nuestros pechos afuera de católicos, de misioneros y de españoles. Esto mismo suspiraban muchas y beneméritas personas de nuestra Colonia del ^{Príncipe} Golfo de Guinea, y este constante suspiro se reflejaba en las mil y una cartas que a la continua recibíamos de la Península, en las que, como ya apuntamos en nuestro PROSPECTO, se nos comunicaba haber en España verdadera hambre de noticias de sus Posesiones y pedíasenos con insistencia llevásemos a cabo tan codiciada empresa.

Grandísimas dificultades de toda suerte hemos tenido que vencer para la consecución de nuestro deseo, de tal manera que más de una vez pensamos en abandonar nuestro intento. Mayores tal vez se nos presentarían en la ardua tarea

que hoy emprendemos con bríos, pero no importa adelante; que allá donde no lleguen nuestras fuerzas y medidas, llegará la indulgencia de nuestros estimados compatriotas, en cuya proverbial generosidad muchísimo confiamos. Vamos, pues, españoles, blancos y de color, aunemos nuestras fuerza, juntemonos todos en compacto escuadrón, todos unidos trabajemos con ardor y a medida de nuestras fuerzas y haberes en pro de la RELIGION y de la PATRIA, imitemos los ejemplos de nuestros gloriosos antepasados, y como ellos, mereceremos ceñir nuestras sienas con diadema de gloria y de inmortalidad.

Y felicísimas Pascuas para todos.

La Redacción.

PARTE INSTRUCTIVA.

SECCION OFICIAL.

BASES a las que han de sujetarse los contratos que se lleven a efecto entre los patronos y obreros para Fernando Poo en Bata. (1)

1.ª Los que deseen contratar braceros se dirigirán al Sub-Gobernador de Bata el que avisará a los Jefes de los pueblos inmediatos para que diga el número de hombres con que se puede contar.

(1) Con gusto inseríamos aquí las siguientes Bases, cuya impresión nos ha sido encargada por el Sr. Sub-Gobernador de BATA.

Fonte: Raimonland.net, 2006. Disponível em: <http://www.bioko.net/guineaespanola/A1903.htm>. Acesso em: 19 jun. 2023.